



**PROJETO DE FORTALECIMENTO DO CONTROLE SOCIAL NO SUS:
CAPACITAÇÃO DE CONSELHEIROS MUNICIPAIS, ESTADUAIS E
SECRETARIAS EXECUTIVAS DOS CONSELHOS MUNICIPAIS DE SAÚDE DO
PARANÁ**

Oficina de Capacitação Pedagógica e Alinhamento Institucional

Curitiba, 13 e 14 de novembro de 2014

Inovações nas metodologias de ensino-aprendizagem

O modelo de investigação científica baseado nas leis positivistas provenientes das teorias newtonianas e cartesianas influenciou o modo de ensinar das escolas tradicionais nos últimos dois séculos.

Recentemente, estamos presenciando um movimento no mundo inteiro pela busca do equilíbrio entre objetividade - subjetividade, qualidade – quantidade. É preciso aproximar o ensino da vida das pessoas, tornando a aprendizagem significativa e superando a subordinação de saberes. Todos podem ensinar e aprender. Hoje temos o reconhecimento da Saúde como direito, bem como a garantia de direitos humanos, democracia, dignidade, bem estar social e exercício pleno da cidadania. Estas mudanças impactam diretamente as relações de poder e de autoridade.

As relações deixam de ser entre causa e efeito e passam a ser interdependentes e complexas, exigindo um processo contínuo de aprendizagem. Esta mudança paradigmática ao mesmo tempo determina e é determinada pela forma de ensinar. Neste novo contexto os alunos não podem ser treinados a “escutar, ler, decorar e repetir”. Precisamos desenvolver alunos capazes de refletir, reconsiderar, negociar, criar novas possibilidades de ser e de fazer, modificar, monitorar, avaliar, planejar, adequar projetos ao contexto, fazer críticas construtivas, participar, envolver-se, mobilizar grupos, trabalhar com autonomia e buscar aprender continuamente com seus pares no seu ambiente de atuação e de vida.

Para tanto, se faz necessário analisar a formação do professor e caracterizar o momento atual para que possamos entender as relações que se estabelecem na ação docente. Queremos saber como um professor que foi formado aos moldes do paradigma tradicional de educação e assim seguiu sua prática educativa, pode hoje avançar para referenciais inovadores e adotar uma nova atitude como docente no processo de ensinar. O que influencia a ação pedagógica do professor? O que precisa saber, como precisa ser e quais atitudes favorecem para que o docente subsidie sua prática pedagógica no paradigma da complexidade? Quais as semelhanças e no que se diferencia a função de professor, docente, tutor, facilitador, instrutor, preceptor e orientador de aprendizagem?

“Não existe nada mais fatal para o pensamento que o ensino das respostas certas. Para isto existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.”
(Rubem Alves)

08h00 – ABERTURA OFICIAL DO II PROJETO DE FORTALECIMENTO DO CONTROLE SOCIAL NO SUS

08h30 às 10h30 – MESA REDONDA: Tema: ESTRATÉGIA DE FORTALECIMENTO DO SUS E IMPLANTAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

10h30 às 12h00 – APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA DE APRENDIZAGEM DO CURSO

- Objetivos de aprendizagem
- Documentação escolar
- Passo a passo para navegação no site da ESPP
- Metodologia Ativas para ensino-aprendizagem de adultos

ANDRAGOGIA – Princípios Gerais da Aprendizagem do Adulto:

1. Todos tem uma **história pessoal e conhecimentos prévios** que determinam a maneira pela qual cada um irá se envolver com a nova oportunidade de aprendizagem.
2. O **contexto de vida** de cada um e as **lembranças** que tem acerca do tema, são muito mais sólidos do que o novo conhecimento que se apresenta. Para tornar significativo o novo conhecimento, ele tem que estar relacionado de alguma forma ao contexto de vida do estudante.
3. Para motivar o aluno, o facilitador deve saber fazer perguntas que levem o adulto a identificar **lacunas no conhecimento prévio**. Que o coloque em **dúvida**, que lhe tire a certeza, que o instigue a buscar mais informações para reorganizar o que já era considerado certeza.
4. O adulto já tem independência e **autonomia**. Portanto, o ensino deve respeitar sua maneira habitual de fazer as coisas. A entonação de voz do facilitador não deve ser infantilizada nem elogiá-lo com um “muito bem! Parabéns!” na frente de seus colegas. Por outro lado, os adultos especialmente aqueles que são Conselheiros Municipais de Saúde, precisam recuperar a capacidade de **trabalhar em grupo** e a metodologia de ensino deve promover oportunidades de trabalhos em equipes, de negociação, mediação de conflitos e possibilidades de consenso.
5. O programa de ensino de adultos deve prever atividades fora de sala de aula, como práticas orientadas para o período de dispersão, onde os adultos possam desenvolver habilidade para pôr em prática o que foi aprendido. A **repetição e a prática deliberada**, orientada e monitorada leva à percepção de facilidades e dificuldades que serão discutidas no próximo encontro presencial para novamente serem aplicadas nos próximos momentos de dispersão.
6. Todas as experiências vividas em sala de aula são objeto de análise e reflexão. A **reflexão e o feedback** dado aos adultos são determinantes para que cada um estabeleça seu plano de desenvolvimento individual. Os conhecimentos, habilidades e atitudes são diferentes entre os adultos. A percepção, reflexão e análise das diferenças individuais tem o poder de motivá-los a desenvolver áreas específicas como também a valorizar o trabalho colaborativo pelo reconhecimento de saberes e habilidades complementares no grupo.
7. A **percepção da qualidade das mudanças** é de fundamental importância para tornar a aprendizagem significativa aos adultos. Como era antes e como está agora, percepção que todos estamos em um momento da história que já existia antes de nós e continuará depois de nós, que nos modificamos com as experiências vividas e que estas podem ser mais ou menos potentes de acordo com a atenção que damos às oportunidades de intervenção na realidade.

COMPETÊNCIAS DO FACILITADOR

O termo “**Competência**” se refere ao conjunto de **CONHECIMENTOS + HABILIDADES + ATITUDES** que o facilitador tem e pode ser evidenciado pelo seu DESEMPENHO. Portanto, a competência é parcialmente avaliada por análise de currículo e por observações prévias. Apenas quando o profissional estiver desempenhando a função é que, pelo desempenho, pode-se dizer que ele é competente ou não para aquela tarefa que executa.

A Competência está sempre atrelada a uma função específica. Um profissional pode ser bom na assistência mas demonstrar fraco desempenho como professor/facilitador.

Muitas oportunidades de aprendizagem contribuem para o desenvolvimento de competências, não apenas as aprendizagens formais acadêmicas como também experiências de sua história de vida, contato com um meio adequado, apoio de seus pares, busca pró-ativa para minimizar dificuldades pessoais, busca de informações, atualizações, etc.

As informações declarativas, tudo aquilo que pode ser “transmitido, lido, ouvido” em grande parte depende da iniciativa do profissional em buscá-las. O entendimento, amadurecimento e compreensão das informações levará ao conhecimento de dado tema ou assunto. Para se dizer “conhecedor” o profissional precisa discutir o assunto com outras pessoas com o objetivo de ouvir outros pontos de vista, ampliar a visão pontual para uma visão contextualizada. Somente quando a informação foi processada e elaborada, podemos dizer que o profissional tem conhecimento de um tema/assunto.

A seguir, são listados os principais temas que os facilitadores precisam buscar ampliar seu conhecimento para subsidiar sua ação no Curso de Conselheiros de Saúde:

Conhecimentos: Constituição Federal 1988, Legislações (e suas atualizações) que dispõem sobre a criação do SUS, sobre constituição e funcionamento dos Conselhos de Saúde, atribuições do Conselheiros; Plano Estadual de Saúde, Organização e planejamento das Redes de Atenção à Saúde prioritárias no Paraná; Direitos de cidadania e possibilidades de exercê-la; Políticas Públicas, Instrumentos de Planejamento e Gestão, instrumentos de controle social, formas de participação social organizada e legitimada.

A proposta pedagógica deste Curso é de não fazer “ensino por transmissão de informações”, portanto, é desejável que o facilitador tenha habilidades para desenvolver competências nos alunos utilizando metodologias ativas de ensino que valorizam: o respeito pelo entendimento atual do tema, a percepção que há diferentes maneiras de entender e de fazer a mesma coisa, que todos estão ali com a proposta de ampliar ponto de vista, de aceitar novas possibilidades, admitindo que não há quem saiba tudo e que as relações de saberes e práticas são complementares, não excludentes. Algumas habilidades que favorecem as metodologias ativas de ensino são:

Habilidades do facilitador:

- Reconhecer e valorizar conhecimentos prévios
- Mediar a disputa por conhecimentos, experiências e práticas “certas e erradas”
- Promover todos os saberes como complementares e não excludentes
- Minimizar julgamentos e promover a aceitação da diversidade de opiniões
- Fazer da divergência uma diversidade, considerada como manifestação da realidade e como tal, ser respeitada.
- Levar o grupo a perceber e respeitar opiniões pessoais, de segmentos e coletivas. Considerando que quanto mais coletiva for, mais diálogo e mediação de conflitos vai demandar para que seja consensuada em prol de um objetivo comum.

Atitudes do facilitador:

- Cuidar para que os conselheiros estejam em sala na condição de estudantes, ou seja, não estão naquele contexto na condição de representantes dos profissionais de saúde, gestores, usuários ou prestadores de serviços. Esta atenção é importante a fim de evitar acusações, cobranças, tentativas de explicações e justificativas.
- “Nenhum a menos”! O instrutor precisa ter atitude de busca-ativa dos alunos durante o curso, estar atento para sinais de desmotivação, dificuldades e outros motivos que os levam a desistir do curso. A meta é que todos concluam o curso com frequência mínima de 75% por módulo.

Recursos do facilitador:

1. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem:

- Aula expositiva-dialogada
- Problematização: partindo de uma situação real (do contexto de vida do grupo de alunos) buscar entender os determinantes daquela situação, os envolvidos, teoricamente o que se sabe sobre situações como esta, possibilidades de intervenção sugeridas pela literatura, análise das possibilidades de intervenção no contexto considerando os recursos locais e por fim, submeter o “plano de intervenção” à realidade local e analisar os efeitos causados.
- Aprendizagem baseada em problemas (PBL): o facilitador apresenta um caso fictício, uma situação problema, em que o tema tenha relação com o objetivo de aprendizagem daquele módulo. Partindo de uma situação fictícia o grupo faz todo o percurso acima descrito (análise da situação atual, análise dos determinantes do contexto e hipóteses de solução) com a segurança de não expor e nem identificar “culpados” ou “responsáveis” por se tratar de uma situação fictícia.
- Portfólio: Cada aluno faz seu “diário de bordo” anotando desde o início suas dúvidas, entendimentos, novas aprendizagens, registros de discussão com seus colegas, das atividades de dispersão, bem como fotos, material produzido, sínteses feitas e todo material produzido por ele (individualmente e em grupo). Este portfólio será a memória do seu desenvolvimento pessoal durante o curso e será a evidência de que o desenvolvimento não se dá apenas nos momentos presenciais do curso e sim de modo geral, naquele período de vida em que esteve envolvido com a proposta pedagógica do curso.
- Estudo de caso: O facilitador pode levar ao grupo o relato de um caso que tenha relação com o objetivo de aprendizagem que ele como facilitador identificou que o grupo está precisando desenvolver. O facilitador poderá elaborar os casos conforme sua necessidade de criar oportunidades de aprendizagem. No material de aula o facilitador poderá encontrar alguns casos já elaborados para trabalhar temas como:
 - Mediação de conflitos
 - Planejamento estratégico
 - Relação com a comunidade
 - Reconhecimento do território
- Role-play: dinâmica de grupo onde cada um dos alunos representa uma cena e assume o papel de um dos personagens. O objetivo é experimentar se sentir no lugar do outro, identificar-se com o sentimento, necessidades, dificuldades e assumir o ponto de vista do personagem.
- Seminário: Cada um dos alunos assume a responsabilidade de investigar mais a fundo um assunto e depois apresentar aos colegas.
- Via WEB: e-mails, web conferência, vídeo conferências, links para os vídeos da Minissérie “Saúde em Cena” e outras possibilidades de aprendizagem que se faça mediada pelo computador. No site da ESPP será ofertado material de apoio que os instrutores e alunos poderão acessar por meio da internet.

Situações para discussão em grupos:

Situação 1:

“Já no primeiro encontro pude notar que havia uma certa animosidade entre os conselheiros e a apoiadora regional. Nessa noite participaram somente cinco alunos.”

O que o instrutor poderia fazer nesta situação?
De quem é a responsabilidade pela evasão?
Como mediar conflitos?

Situação 2:

“O conteúdo do módulo Saúde e Cidadania era pequeno no caderno. Demos conta de todo o conteúdo já no primeiro dia. Pela manhã fizemos a leitura de todo material, cada um lia uma parte e outro continuava. A tarde foi para tirar dúvidas. Na outra aula sobre o módulo não tínhamos mais o que fazer, os alunos pediram então para sair mais cedo.”

Situação 3:

“O módulo PID foi um pouco desmotivador, pois a grande maioria já utiliza o computador diariamente. Somente 02 alunos não utilizam computador. Na minha opinião dezesseis horas é muito tempo para este módulo. Para os próximos cursos penso que oito horas é o suficiente.”

Como o instrutor pode atuar considerando a diversidade de saberes e habilidades da turma?
É possível “saber tudo”?

Situação 4:

“No primeiro dia de aula foi tudo bem, mas no segundo dia já observei que muitos faltaram. Isto continuou até que o curso foi interrompido. O que influenciou na interrupção do curso é o fato de os conselheiros, com exceção de dois deles, congregarem em um segmento religioso evangélico denominado “Adventistas do 7º dia” que proíbem atividades laborativas aos sábados e após as 17h00.”

O que os conselheiros “comunicam” ao instrutor com esta atitude?
O curso de capacitação pode ser considerado uma atividade “laborativa”?

Discussão sobre conteúdos essenciais e periféricos por módulo:

13/11/2014

14h00 às 18h00 – Programa de Inclusão Digital

Local: Laboratório de Informática da Escola de Saúde Pública do Paraná

Facilitador: Maurício Todeschi – Departamento de Informática do SUS (DATASUS) - Seção de Fomento e Cooperação Técnica em Informática SFCT-PR

14/11/2014

08h00 às 12h00 – Saúde e Cidadania

Local: Hotel Nikko

Facilitadoras: Rosalina Batista e Giseli Cipriano Rodacoski

14/11/2014

13h30 às 17h30 – Gestão e o Controle Social

Local: Hotel Nikko

Facilitadores: Antônio Garcez Novaes Neto e Joelma Aparecida de Souza Carvalho